

DESEMPENHO MOTOR E AVALIAÇÕES INTERNAS: COMO DIAGNOSTICAR E INTERVIR PEDAGOGICAMENTE

Franciele Aparecida Martins Lourenço¹
Francielly Rodrigues da Silva²
Samuel Oscar Mendes Cirino Keske³
Vanessa Miriany Alves Luiz⁴

Resumo

O artigo analisou o papel das avaliações internas no diagnóstico do desempenho motor e sua relação com intervenções pedagógicas na Educação Física escolar, destacando os desafios dos modelos tradicionais de avaliação, que frequentemente negligenciam dimensões afetivas, sociais e cognitivas. Por meio de uma revisão bibliográfica (2000-2023), os autores identificam a necessidade de práticas avaliativas mais dialógicas e formativas, como propõem Santos e Maximiano (2013), que valorizam a autoavaliação e o contexto discente, enquanto Rosa Neto (2010) evidencia a eficácia da Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) como ferramenta confiável para diagnóstico. Os resultados apontam para a importância de instrumentos diversificados (vídeos, diários, fotos) e da formação docente na implementação de avaliações que considerem a singularidade dos alunos, defendendo uma abordagem que supere a mera classificação e assuma um caráter transformador, capaz de promover uma Educação Física inclusiva e alinhada ao desenvolvimento integral dos estudantes, com sugestões para futuras pesquisas que ampliem o foco para outras etapas de ensino, como educação infantil e ensino médio.

Palavras-chave: Desempenho motor; Avaliações internas; Diagnóstico motor; Intervenção pedagógica.

Abstract

The article examined the role of internal assessments in diagnosing motor performance and their relationship with pedagogical interventions in school Physical Education, highlighting the challenges of traditional assessment models, which often neglect affective, social, and cognitive dimensions. Through a literature review (2000-2023), the authors identify the need for more dialogical and formative assessment practices, as proposed by Santos and Maximiano (2013), who emphasize self-assessment and student context, while Rosa Neto (2010) demonstrates the effectiveness of the Motor Development Scale (EDM) as a reliable diagnostic tool. The results underscore the importance of diversified instruments (videos, journals, photos) and teacher training in implementing assessments that consider student uniqueness, advocating for an approach that goes beyond mere classification and adopts a transformative character, capable of promoting inclusive Physical Education aligned with students' holistic development. Suggestions are made for future research to expand the focus to other educational stages, such as early childhood and secondary education.

Keywords: Motor performance; Internal assessments; Motor diagnosis; Pedagogical intervention.

¹ Professora da Faculdade de Ciências da Saúde de Unai – FACISA.

² Professora da Faculdade de Ciências da Saúde de Unai – FACISA.

³ Professor da Faculdade de Ciências da Saúde de Unai – FACISA.

⁴ Professora da Faculdade de Ciências da Saúde de Unai – FACISA.

1. Introdução

As políticas educacionais brasileiras colocam as avaliações como centrais nos processos de ensino e aprendizagem, porque é por meio delas que gestores e professores podem realizar diagnósticos e intervir pedagogicamente de acordo com as demandas das turmas e alunos. Contudo, no campo da Educação Física escolar há um questionamento constante: como, afinal, avaliar desempenho motor? De fato, a educação física não é e nem deve ser um componente curricular conteudista. Pelo contrário, ela deve levar em conta as corporeidades em todas as suas manifestações. Nesse contexto, é preciso problematizar o ato de avaliar nas aulas de educação física

De fato, a avaliação em Educação Física ainda enfrenta inúmeros desafios no contexto escolar, conforme aponta Santos et al. (2018). Um dos principais problemas diz respeito à permanência de concepções reducionistas de avaliação, fortemente influenciadas por modelos normativos e classificatórios, que historicamente pautaram a mensuração do desempenho físico dos alunos com base em testes padronizados e objetivos pré-estabelecidos. Essa abordagem não considera a complexidade do processo de ensino-aprendizagem, nem as múltiplas dimensões do ser humano envolvidas nas aulas de Educação Física, como aspectos afetivos, sociais, culturais e cognitivos. Mesmo diante de um avanço teórico e da incorporação de perspectivas mais dialógicas e formativas, a prática escolar ainda tende a manter métodos de avaliação que reforçam uma lógica de exclusão e pouco contribuem para a aprendizagem significativa dos estudantes.

De acordo com os autores, a produção acadêmica sobre avaliação em Educação Física tem se concentrado principalmente no ensino fundamental II, negligenciando etapas importantes como a educação infantil e o ensino médio. Isso evidencia lacunas importantes na pesquisa e na formação docente, dificultando a construção de práticas avaliativas coerentes com os princípios de uma educação emancipatória e inclusiva. Segundo os autores, embora nos últimos anos tenha crescido o número de estudos que propõem alternativas metodológicas e experiências pedagógicas voltadas à valorização da vivência e do contexto dos alunos, essas iniciativas ainda são pontuais. Assim, a avaliação em Educação Física precisa ser repensada como parte integrante das práticas pedagógicas e como ferramenta crítica e reflexiva que contribua para a democratização do acesso ao conhecimento e para a construção de uma escola mais justa e participativa (Santos et al., 2018).

2. A avaliação em educação física

Iniciamos nossa revisão de literatura com a pesquisa de Santos e Maximiano (2013), que propõem uma análise crítica das práticas avaliativas na Educação Física escolar, a partir de narrativas de três professoras do ensino fundamental. Fundamentado em uma abordagem qualitativa e utilizando a entrevista semiestruturada como instrumento, o estudo busca compreender como se articulam os saberes da prática docente à avaliação, ressaltando a importância de se pensar essa prática para além da lógica normativa e classificatória.

Os autores rejeitam a abordagem tradicional de avaliação centrada na mensuração e denunciamento, propondo uma perspectiva formativa e situada, que valoriza a experiência e os contextos reais de atuação. O texto se ancora em uma concepção epistemológica que compreende o cotidiano escolar como espaço legítimo de produção de conhecimento. Nessa chave, as professoras participantes são reconhecidas como produtoras de conhecimento pedagógico, e suas experiências são mobilizadas para demonstrar a potência inventiva e transformadora da avaliação. A investigação, portanto, recusa a postura investigativa que apenas fala sobre os sujeitos, optando por uma pesquisa com eles, o que confere densidade ética e política ao estudo.

Ao analisarem os discursos das professoras Letícia, Nathália e Érica, os autores identificam que a avaliação em Educação Física é concebida como processo dinâmico, contínuo e relacional, que articula ensino, aprendizagem e reflexão sobre a prática. A avaliação é descrita pelas docentes como uma forma de pesquisar o próprio fazer pedagógico, instrumento que permite identificar avanços, dificuldades e necessidades formativas dos estudantes. Esse entendimento se alinha à concepção que define a avaliação como prática reconstrutiva, que articula teoria e prática, contexto escolar e social, e saberes em desenvolvimento. É uma avaliação que busca sentidos, mais do que provas objetivas, e que valoriza o corpo como produtor de significações.

As dificuldades enfrentadas pelas docentes, sobretudo no início de suas carreiras, evidenciam as tensões entre os modelos avaliativos hegemônicos e a especificidade da Educação Física como componente curricular que se ancora no “fazer com” e não apenas no “falar de”. A experiência corporal não se reduz a enunciados, e o aprendizado se concretiza mais na vivência do que na representação.

As estratégias avaliativas apresentadas pelas professoras – como o uso de fotos, vídeos, desenhos, brinquedos e diários – demonstram essa tentativa de captar e dar visibilidade aos saberes construídos corporalmente. Tais práticas reforçam a tese de que a Educação Física deve

legitimar-se por outra lógica de aprendizagem, como sugere Charlot (2009), reconhecendo sua singularidade sem buscar assimilação forçada aos critérios das demais disciplinas.

A autoavaliação emerge no estudo como prática relevante para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos estudantes. Ao se autoavaliarem, os alunos passam a refletir sobre sua participação, seus avanços e seus desafios, colaborando para a construção de uma consciência crítica do próprio processo de aprendizagem. No entanto, os autores alertam para o risco de essa prática ser reduzida a um ritual ou um mecanismo descontextualizado.

Portanto, é necessário que a autoavaliação esteja integrada à dinâmica pedagógica, constituindo-se em parte orgânica da gestão da aprendizagem. Assim, a avaliação não apenas diz do aluno, mas também do professor, da escola e das relações estabelecidas no processo educativo.

O estudo conclui enfatizando que a avaliação em Educação Física não pode ser pensada apenas como instrumento técnico, mas como prática política, formativa e investigativa. Santos e Maximiano (2013) evidenciam que avaliar é também reavaliar-se, é observar o próprio papel docente, suas escolhas metodológicas e os sentidos que atribui à sua prática. A avaliação, nesse sentido, ultrapassa a função classificatória e adquire um papel essencial na tessitura dos saberes escolares, funcionando como espelho que revela e problematiza o fazer pedagógico. A partir das narrativas analisadas, os autores advogam por uma avaliação plural, contextualizada e dialógica, capaz de reconhecer a complexidade e a potência formativa da Educação Física no currículo escolar.

Mendes e Rinaldi (2020) também investigaram os delineamentos e as características da avaliação da aprendizagem na educação física escolar, com base nas práticas de 46 professores da rede pública do Paraná. Os dados, coletados por meio de questionário com questões abertas, revelaram que a avaliação, nesse contexto, ainda é marcada por uma dualidade entre abordagens tradicionais, quantitativas e práticas formativas, qualitativas. A pesquisa revelou que os professores avaliam diversas competências — cognitivas, físico-cinestésicas e socioafetivas — e utilizam múltiplos critérios e instrumentos para isso, como retenção de informações, desempenho motor, socialização e participação, utilizando observações, provas teóricas e trabalhos como principais estratégias avaliativas.

Mendes e Rinaldi (2020) destacam que a avaliação, para além de um mecanismo de verificação de conhecimentos, deve se constituir como parte indissociável do processo pedagógico, servindo como ferramenta de análise e reorganização da prática docente. No entanto, ainda persiste uma herança tecnicista na educação física, que historicamente enfatizou

a mensuração de capacidades físicas e técnicas, resultando em práticas excludentes. Os autores argumentam que há um movimento, embora lento, de superação dessa perspectiva, com a adoção crescente de estratégias avaliativas que buscam compreender o processo de aprendizagem de forma mais ampla e inclusiva, valorizando os avanços individuais e as dimensões subjetivas da experiência educativa.

A investigação evidencia que os professores recorrem tanto a instrumentos tradicionalmente associados à quantificação, como provas e notas, quanto a práticas qualitativas, como a observação intencional e a autoavaliação, com o intuito de captar os múltiplos aspectos do desenvolvimento dos estudantes. Segundo Mendes e Rinaldi (2020), essa convivência de abordagens revela um campo em transição, no qual coexistem concepções antagônicas sobre o papel da avaliação, ora vista como exigência burocrática, ora como prática formativa voltada à melhoria do ensino. A escolha dos critérios e estratégias depende, portanto, das concepções pedagógicas que orientam a atuação docente.

Outro aspecto ressaltado por Mendes e Rinaldi (2020) refere-se à importância de articular a prática corporal com a reflexão teórica, favorecendo a compreensão crítica dos conteúdos da cultura corporal. A avaliação, nesse sentido, não pode restringir-se à verificação da execução motora, devendo também fomentar a produção de significados e a expressão por múltiplas linguagens. Os autores salientam que essa perspectiva requer um reposicionamento do professor quanto aos objetivos da disciplina e ao papel do aluno no processo, desafiando visões reducionistas e incentivando metodologias que estimulem o pensamento divergente e a resolução de problemas.

O estudo de Mendes e Rinaldi (2020) oferece importantes contribuições para o debate sobre a avaliação na educação física escolar ao evidenciar a necessidade de superar modelos excludentes e promover uma prática avaliativa mais crítica, dialógica e emancipadora. A convivência de abordagens distintas no cotidiano escolar mostra tanto os avanços quanto os desafios de transformar a avaliação em uma prática pedagógica coerente com os princípios da formação integral. Assim, o estudo chama atenção para a urgência de políticas formativas e institucionalização de diretrizes que consolidem a avaliação como parte integrante da aprendizagem.

3. Avaliação de desempenho motor

O estudo de Rosa Neto (2010) teve como objetivo traçar o perfil motor de crianças entre 6 e 10 anos, sem queixas de dificuldades na aprendizagem, e avaliar a confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor – EDM. O autor parte da concepção de que há uma relação estreita entre o desenvolvimento motor e o cognitivo, sendo que ambos se influenciam reciprocamente, especialmente durante a infância, momento crítico para o avanço das habilidades motoras e da aprendizagem escolar. A aquisição de habilidades motoras contribui para o domínio do corpo e estruturação de noções como espaço, tempo e lateralidade, essenciais para a formação intelectual da criança.

A pesquisa envolveu 101 escolares da rede pública de Florianópolis, SC, com desenvolvimento típico, sem repetência ou deficiências diagnosticadas. Os dados foram obtidos por meio da aplicação da EDM, instrumento elaborado por Rosa Neto (2002), que avalia seis áreas do desenvolvimento motor: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal, além da lateralidade. A EDM permite determinar a Idade Motora (IM), o Quociente Motor (QM) e a Idade Motora Geral (IMG), classificando os níveis motores em sete categorias, de muito inferior a muito superior.

Os resultados mostraram que 96% dos participantes apresentaram desenvolvimento motor dentro da normalidade, reforçando a correlação positiva entre idade cronológica e desenvolvimento motor. A consistência interna da EDM foi considerada boa, com coeficiente Alpha de Cronbach de 0,889 e correlação linear de Pearson de 0,800. Apenas uma pequena parte da amostra (4%) situou-se fora da faixa de normalidade, sendo 1% superior e 3% inferior. A organização espacial foi a área com menor desempenho, classificada como normal baixo, possivelmente associada à dificuldade de identificação de lateralidade (direita e esquerda).

Rosa Neto (2010) aponta que aproximadamente um terço dos escolares avaliados apresentou lateralidade cruzada, o que pode influenciar negativamente a organização espacial. A determinação da lateralidade costuma ocorrer por volta dos seis anos, e a maioria das crianças da amostra estava dentro desse marco. Apesar disso, a diversidade de preferências laterais sugere que intervenções pedagógicas mais específicas podem contribuir para o aprimoramento do esquema corporal e espacial dos estudantes. O estudo destaca que o ambiente, além do fator genético, exerce influência decisiva no desenvolvimento motor.

A EDM, segundo Rosa Neto (2010), configura-se como uma ferramenta eficaz e de fácil aplicação, com testes graduados em complexidade e alinhados à idade cronológica das crianças. Seu uso sistemático pode auxiliar os profissionais da educação e da saúde a identificar atrasos no desenvolvimento motor e propor intervenções pedagógicas mais adequadas. No

entanto, o autor alerta que muitos professores ainda não conhecem instrumentos de avaliação motor padronizados, o que compromete a eficácia de suas intervenções educativas. A formação continuada desses profissionais é, portanto, essencial.

O estudo reafirma a importância da avaliação motora como parte integrante do processo educacional, ao evidenciar que a EDM fornece dados confiáveis sobre o desenvolvimento motor e pode orientar práticas pedagógicas e terapêuticas. Rosa Neto (2010) argumenta que, ao refletir com precisão as mudanças esperadas no desenvolvimento motor com o avanço da idade cronológica, a escala torna-se uma aliada no diagnóstico e na promoção de um desenvolvimento infantil mais pleno, equitativo e alinhado às necessidades reais dos estudantes.

4. Critérios de avaliação motora

Os critérios de avaliação motor podem ser emprestados das ciências biológicas, mas precisam estar alinhados aos critérios do currículo escolar. Se, por um lado, são dados das ciências médicas que possibilitam a avaliação motora, mas a ação pedagógica e seu diagnóstico precisa levar em conta que não há esperar das crianças e adolescentes algo fora daquilo que demanda a educação física escolar.

Tendo como base essa discussão que bebe na área de saúde, Krebs et al (2011) relação entre desempenho motor e aptidão física em crianças eutróficas de 7 e 8 anos, por meio da aplicação do Test of Gross Motor Development – Second Edition (TGMD-2) e de três testes físicos propostos pela AAHPERD. Os dados foram coletados de 50 crianças e analisados estatisticamente por meio de correlações entre escores de habilidades motoras qualitativas e testes físicos quantitativos. Os resultados mostraram que, embora as crianças tenham apresentado, em sua maioria, escores medianos ou superiores nas habilidades motoras e físicas, as correlações entre os dois conjuntos de medidas foram fracas, indicando que os testes não são equivalentes na avaliação das mesmas dimensões do desenvolvimento infantil.

De forma mais específica, a análise demonstrou que os testes de aptidão física, que avaliam componentes como força e velocidade em termos quantitativos (tempo, distância, repetições), não apresentaram associação robusta com as habilidades motoras avaliadas qualitativamente pelo TGMD-2, como corrida, salto com um pé, passada e arremesso por baixo. A explicação para isso reside nas diferentes exigências de cada tipo de teste: enquanto as tarefas do TGMD-2 demandam coordenação e execução técnica apurada, os testes físicos priorizam

desempenho de força e potência. Assim, uma criança pode apresentar bom padrão técnico de movimento, mas não necessariamente se destacar em testes que exigem explosão muscular ou velocidade máxima.

Os autores concluem que a utilização conjunta e equivalente desses instrumentos pode ser inadequada, visto que cada um avalia dimensões distintas do desenvolvimento motor. Recomenda-se, portanto, que os testes de desempenho motor sejam utilizados prioritariamente para avaliar a qualidade do movimento, especialmente em fases iniciais do processo de aprendizagem, e que os testes de aptidão física sejam empregados posteriormente, quando as crianças já tiverem alcançado certo domínio técnico. O estudo, assim, reforça a importância de uma escolha criteriosa dos instrumentos de avaliação conforme os objetivos pedagógicos e o estágio de desenvolvimento dos avaliados.

No contexto escolar, o corpo é pensado como mediado por questões psicossociais. Dessa forma, o espaço da avaliação motora é entender como esse corpo aprendente se prepara para a aprendizagem. É isso que precisa ser avaliados e trabalhado nas avaliações em educação física escolar.

Considerações Finais

O estudo evidenciou a necessidade de repensar as práticas avaliativas na Educação Física escolar, superando modelos tradicionais que priorizam a classificação em detrimento do desenvolvimento integral dos estudantes. A incorporação de abordagens formativas e dialógicas, como propostas por Santos e Maximiano (2013), mostra-se essencial para uma avaliação que considere não apenas o desempenho motor, mas também as dimensões afetivas, sociais e cognitivas. Ferramentas como a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) e estratégias diversificadas (vídeos, diários, fotos) emergem como alternativas eficazes para um diagnóstico mais abrangente e contextualizado.

Os resultados destacam a importância da formação docente como elemento central para a implementação dessas mudanças. Professores bem preparados podem utilizar os dados das avaliações para planejar intervenções pedagógicas mais precisas e inclusivas, adaptando-as às necessidades individuais dos alunos. A autoavaliação, quando integrada ao processo de ensino-aprendizagem, também se revela uma ferramenta poderosa para promover a autonomia e a reflexão crítica dos estudantes sobre seu próprio desenvolvimento.

Aqui, propomos que a construção de uma Educação Física transformadora exige a revisão de métodos e instrumentos e um compromisso coletivo com práticas pedagógicas que

valorizem a diversidade e promovam a equidade no ambiente escolar. Assim, a avaliação deixa de ser um fim em si mesma e se torna um meio para a emancipação e o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Referências

KREBS, Ruy Jornada et al. Relação entre escores de desempenho motor e aptidão física em crianças com idades entre 07 e 08 anos. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, v. 13, n. 2, p. 94–99, 2011. DOI: 10.5007/1980-0037.2011v13n2p94.

MENDES, Evandra Hein; RINALDI, Ieda Parra Barbosa. Avaliação da aprendizagem na Educação Física escolar. *Pensar en Movimiento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud*, San José (Costa Rica), v. 18, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15517/pensarmov.v18i1.38295>.

SANTOS, W.; MAXIMIANO, F. de L. Avaliação na Educação Física escolar: singularidades e diferenciações de um componente curricular. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 4, p. 883–896, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000400009>. Acesso em: 9 maio 2025.

ROSA NETO, F. et al. A importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da escala de desenvolvimento motor. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, v. 12, n. 6, p. 422–427, nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/X6FhVkkj575hKX5nJSGRY9r/>. Acesso em: 09 maio 2025.

SANTOS, W. DOS. et al. AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA EM PERIÓDICOS (1932-2014). *Movimento*, v. 24, n. 1, p. 9–22, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/BbzPqfDxT4QrddLCtPMc5rN/>. Acesso em: 09 maio 2025.

TONIOLO, Cintia Sicchieri; CAPELLINI, Simone Aparecida. Transtorno do desenvolvimento da coordenação: revisão de literatura sobre os instrumentos de avaliação. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 27, n. 82, p. 109–116, 2010.